

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA



63.ª

TEMPORADA

APRESENTAÇÃO N.º 978

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

1.º de setembro de 1975 - segunda feira - 21 horas



LA GRANDE ECURIE ET LA CHAMBRE DU ROY

Regente: Jean-Claude Malgoire

LA GRANDE ECURIE ET LA CHAMBRE DU ROY

O nome deste grupo instrumental indica sua inclinação para a música de Corte do Renascimento e do Grande Século, e foi para renovar esta tradição, nascida sob o Rei François I que o grupo foi batizado de LA GRANDE ECURIE ET LA CHAMBRE DU ROY.

Foi efetivamente este Rei que pela primeira vez organizou os músicos da Corte, dividindo-os em dois grupos: "Aqueles que fazem muito ruído" (trombetas e tambores), chamados LA GRANDE ECURIE e "Aqueles doces de se ouvir" (oboés e violinos), por sua vez denominados LA CHAMBRE DU ROY; estas duas formações, que possuíam funções bem diferentes, reuniam-se por ocasião das festas. Esta divisão persistiu assim até o século XVIII. A maior parte dos autores compunham para este conjunto, que no entanto não pode resistir ao surgimento da orquestra sinfônica. Por isso era absolutamente necessário reconstituir este tipo de música, já que o século XVIII nos transmitiu apenas arranjos destinados às formações para a música romântica.

E foi para obedecer a esta necessidade que o grupo foi criado em 1966. Foi fundado por Jean-Claude Malgoire, oboísta e corne-inglês solista da Orquestra de Paris, cuja paixão pela música antiga o fez pesquisar os instrumentos e partituras esquecidas, reconstituir instrumentos desaparecidos e realizar as instrumentações a partir de documentos encontrados em bibliotecas, com o objetivo de apresentar vivamente aos olhos e ouvidos do público desde a música "pre-Bach", remontando-a até São Luís. Como para a música contemporânea, um grupo como este precisa de um grande número de músicos cujas combinações flutuantes permitam a interpretação desde Michael Praetorius até Campra e Rameau.

A primeira apresentação do grupo foi consagrada a Lully e Campra. Realizou-se em 1966 com a participação do Trompetista Maurice André, e recebeu uma excelente acolhida por parte do público.

Sua segunda apresentação (1970): "Concert à la Cour d'Henri IV — "Danceries et Chansons à boire", com Jean-Christophe Benoit, foi saudada como um "perfeito sucesso ... vindo se inscrever no primeiro escalão na discografia das "Danceries" instrumentais do Renascimento ... igualando, senão ultrapassando os grupos estrangeiros especializados neste tipo de música" (Harry Halbreich).

A terceira apresentação (1971) foi inteiramente consagrada a um músico francês célebre e todavia pouco conhecido: Marc-Antoine Charpentier. Tratava-se de "Messe pour les instruments au lieu des orgues" (utilizando-se das flautas, krumhorn assim como de toda a família do oboé), seleção de Madée, do "Rondeau pour les Corinthiens", do "Concert a quatre Parties", e finalmente a abertura do "Melade Imaginaire".

A quarta apresentação, "Water Music" de Haendel em sua versão original, recebeu em 1972 uma acolhida extremamente entusiástica, não somente por parte da crítica mas também por parte do público, chegando à primeira classificação no Hit Parade do disco clássico na França.

E é a um dos maiores compositores franceses que este conjunto rende em seguida uma homenagem, com "Les Paladins", ópera-ballet que Rameau escreveu ao fim de uma vida repleta, obra esta que nos deixa pressentir o que será a Ópera Cômica de Rossini. E isto se deu em dezembro de 1972, sendo a primeira apresentação a fazer reviver longos extratos dos "Paladins". Graças à instrumentação original, que dá uma nova amplitude a esta partitura, (emprego de baixos, trompas), nós assistimos à restituição fiel de um grande momento da música francesa, divertimento pomposo, música para "cantar e dançar", uma deslumbrante festa sonora", que a imprensa saudou como um acontecimento.

A sexta apresentação foi, como a quarta, consagrada a Haendel, com "Fireworks Music et Concerto a due cori", Jean-Claude Malgoire e seus músicos excedem-se. Em janeiro de 1974, depois do sucesso trazido por "Les Paladins", apresentam a primeira versão mundial e integral de "Indes Galantes" de Jean Philippe Rameau, realização que trará ao conjunto um imenso sucesso, tanto na França como no exterior. Recebe no Japão (Festival das Artes), o Prêmio de melhor apresentação estrangeira.

No princípio de 1975, uma nova apresentação consagrada a um outro grande músico: Lully. É o oitavo disco, intitulado "Ballet des Ballets", e que compreende algumas das melhores músicas para teatro, que Lully escreveu para Molière. O grupo, por sua originalidade, sua autenticidade de timbre e extensão de repertório, pode se colocar entre os melhores conjuntos do mundo.

JEAN-CLAUDE MALGOIRE

Jean-Claude Malgoire nasceu em Avignon em 1940. Lá começa seus estudos, prosseguindo-os depois no Conservatório Nacional de Paris, de onde sai brilhantemente com dois primeiros prêmios: oboísta e música de câmara. Alguns anos mais tarde recebe o Prêmio Internacional de Genebra, de oboé. Sua carreira de solista está toda traçada, mas Jean-Claude vai mais longe. Ele mostra uma grande curiosidade pela música antiga, e esta curiosidade tornada paixão, o faz pesquisar instrumentos desaparecidos, partituras esquecidas, reconstituindo-as, etc....

E a motivação de Malgoire por fazer reviver estas músicas favorece a criação de dois conjuntos: LA GRANDE ECURIE ET LA CHAMBRE DU ROY cuja vocação é a música dos séculos XVII e XVIII; a outra o FLORILEGIUM MUSICUM DE PARIS conjunto mais móvel que se dedica às obras escritas para as vozes e os instrumentos antigos desde o século XIII até nossos dias.

Jean-Claude Malgoire torna-se assim um dos pesquisadores mais ativos das bibliotecas da Europa, pesquisando manuscritos, comparando-os, entregando-os à Musicologia, que leva à re-criação de obras esquecidas, senão perdidas, durante os séculos.

Oboísta, musicólogo, maestro, Jean-Claude Malgoire fez evoluir depois de alguns anos estas três atividades paralelamente, o que explica sua discografia onde ele aparece tanto como solista, ou como maestro, mas sempre dentro da música antiga que ele restitui em sua versão mais autêntica.

Como maestro, Jean-Claude Malgoire já regeu duas óperas francesas em sua totalidade, assim como várias obras instrumentais e religiosas dos séculos XVII e XVIII.

O Grande Prêmio do Disco lhe foi outorgado pela "Messe pour les Instruments au Lieu des Orgues", de Marc-Antoine Charpentier, assim como "Les Indes Galantes" de Jean-Phillipe Rameau lhe rendeu o prêmio de melhor regente estrangeiro no Japão.

Sua ambição atual é a de fazer reviver um certo número de obras de Cavalli, Monteverdi, Lully, Campra e Rameau e mais particularmente de óperas menos conhecidas.

Ninguém duvida de que um homem como Jean-Claude Malgoire, jovem, apaixonado, ambicioso no melhor sentido do termo, consiga, de uma ou outra forma, realizar o objetivo que se traçou: fazer reviver a música antiga dentro de sua maior autenticidade.

PROGRAMA

FRANCISQUE CAROUBEL Terpsichore Musarum

LECLAIR Concerto para violino em lá maior

COUPERIN L'Imperiale

II

RAMEAU Les Indes Galantes, suite de danses

Prólogo

Três entradas

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA
TEMPORADA 1975

17 de abril	Nikolais Dance Theatre, dança contemporânea — USA
20 de junho	Vladimir Ashkenazy, pianista — Inglaterra
26 de junho	Leonard Rose, violoncelista — USA
1.º de setembro	La Grande Ecourie et La Chambre du Roy, Orquestra de Paris

DIRETORIA DA
SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Presidente	Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Vice Presidente	José Pinheiro Netto
1.º Secretário	Acácio Arruda
2.º Secretário	Carlos P. de Campos Vergueiro
Tesoureiro	J. J. Juvenal Ricci Ayres
Sec. Executivo	Alberto Soares de Almeida